



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ LUIZ LOPES VIEIRA

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-321

Entrevistado: José Luiz Lopes Vieira

Nascimento: não informado

Local da entrevista: ESEF- UFRGS

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 04/04/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Ivone Job

Total de gravação: 54 minutos e 55 segundos

Páginas Digitadas: 20

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Sumário

Envolvimento do entrevistado como editor da Revista de Educação Física da UEM da Universidade Estadual de Maringá; Sua trajetória na revista; Procedimentos para o desenvolvimento das tarefas da equipe editorial; Implantação do SEER; Opiniões e críticas sobre o sistema de avaliação das revistas; Planejamento, políticas, sugestões para desenvolvimento das revistas da área de Educação Física e esportes brasileiras.

Porto Alegre, 04 de abril de 2013. Entrevista com José Luiz Lopes Vieira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, o seu nome.

J.V. – José Luiz Lopes Vieira.

C.M. – Qual a revista?

J.V. – Revista da Educação Física da UEM¹.

C.M. – Professor, como que o senhor chegou a ser editor da revista?

J.V. – O processo de editoração da revista até 2007 era feito por algum professor voluntário do departamento que manifestasse interesse na continuidade da veiculação da revista. No ano de 2007 a editora da revista era a professora Christi Noriko Sonoo e ela já vinha manifestando junto ao departamento interesse em largar a coordenação da revista, a editoração da revista. Até 2007 todo o procedimento editorial da revista era feito por via papel, mandando por Correio, recebimento e envio de artigos e o procedimento de publicação todo era custeado pelo departamento de Educação Física. Aí em uma das reuniões de departamento em 2007 foi colocado que a Pós-graduação deveria ficar responsável pela editoração da revista. Como eu era o coordenador do programa e eu sempre via na revista uma possibilidade de divulgação científica e de projeção do departamento, e até aquele momento as revistas nacionais não tinham uma preocupação em indexação ou um Qualis que as qualificassem em um nível muito diferenciado, a revista da UEM era tocada simplesmente como um meio de divulgação do departamento. Assumindo a revista em 2007, como coordenador, nós implementamos algumas políticas e em função disso a revista adquiriu um status melhor. Eu não sei o que você vai perguntar então eu vou adiantando as respostas.

C.M. – Então desde 2007 até então, sempre como editor?

J.V. – É, em 2007 passou a editoria para mim, nesse período também a editora da UEM, a EDUEM² estava implantado o sistema SEER, o Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas, fui me informar e verifiquei que existia a possibilidade de nós inserirmos a revista nesse portal de periódicos da UEM. Esse procedimento seria todo ele feito de forma eletrônica, então isso iria minimizar muito o desgaste, a oportunidade de veicular a publicação da revista. Paralelo a isto nós também tínhamos, percebemos que a Fundação Araucária que é a Fundação de Pesquisa no Estado do Paraná estaria pensando em abrir editais para o custeio de periódicos científicos do estado do Paraná. Então esses dois fatores eles foram decisivos para que uma tivesse a opção de continuar sendo editor e outra para que a gente pudesse colocar a revista em uma plataforma eletrônica e ela ter uma operacionalização mais facilitada.

C.M. – Quantas horas mais ou menos por semana o senhor tem que se dedicar para esse trabalho na revista?

J.V. – Quando eu abro o meu e-mail pessoal ele já puxa todos os e-mails da revista e paralelo ao trabalho que eu executo quando eu não estou dando aula, não estou em atividade da pesquisa, o site da revista sempre está aberto na condição de editor, então eu não calculo assim um tempo durante a semana que dedico só a revista. Na realidade eu estou totalmente dedicado à revista os sete dias da semana inclusive sábados e domingos. Então eu entro na revista e tendo qualquer atividade, se eu recebo um parecer, ou se alguém submete uma pergunta sobre o processo editorial, sobre o processo de submissão eu normalmente eu respondo quase que de imediato porque enquanto autor eu sei o quanto é difícil você ter acesso a um editor ou você dá acesso a agilidade na publicação a não ser quando eu estou em período de férias ou afastado em algum congresso ou alguma outra atividade que demora um pouco mais, agora se não eu normalmente eu dedico digamos vinte, trinta horas por semana, quando estou fazendo o trabalho da revista. E quando você vai publicar um volume novo, ou você vai fazer correção esse procedimento demora mais, então como são quatro volumes por ano, quando chegam nas semanas de editoração de publicação de periódicos do volume, praticamente é um período por dia.

¹ Universidade Estadual de Maringá.

² Editora da Universidade Estadual de Maringá.

C.M. – Quanto tempo o senhor acha que um editor deve ficar a frente da revista um tempo mínimo, máximo, senhor acha que existe esse tempo.

J.V. – Bom, vou te dar essa resposta de duas formas. Em qual período de tempo? Eu diria que o tempo de dedicação do tempo pessoal do editor ele deveria ser, se nós formos colocar uma revista de qualidade, teria que ser tempo integral, então eu deveria ter minha dedicação exclusiva ou o perfil de editor deveria ser um perfil profissional, as revistas deveriam se profissionalizar, ter uma estrutura de suporte ou ser independentes dessa estrutura de suporte para que a revista realmente ande no prazo com a qualidade que deve ser dada, principalmente o retorno aos leitores e aos avaliadores como aos autores. Os autores na realidade são os mais prejudicados nesse sistema, apesar de que a revista não tem essa obrigação pelo fato dela não cobrar, ela ser editada pelo departamento, mas pessoalmente eu me sinto muito responsável se ficar atrasando a publicação dos autores em função do tempo que os artigos ficam disponibilizados, esperando a avaliação. Então, para ter uma revista de qualidade, na minha opinião, o sistema deveria ser profissional e não ser custeado ou atrelado a uma instituição acadêmica. O tempo de duração enquanto editor eu acredito que no mínimo dez anos em frente a uma revista tem que ser necessário porque talvez agora, depois de fazer cinco ou seis anos no processo editorial você sabe exatamente quais são os caminhos que você tem que tomar, quais são os processos, por exemplo, o processo para elevação em Qualis, processo com internacionalização. Se nesse momento houvesse a troca de um editor eu acredito que a revista ficaria paralisada durante um certo período de tempo enquanto o novo editor possa assumir ou ter conhecimento das funções que ele precisa assumir, não só as funções do processo editorial, mas sim existe todo um tramite financeiro, tem um tramite legal, que o editor precisa ficar atento para que a revista possa ser operacionalizada com recursos externos e também atendendo de forma ética as pessoas que estão envolvidas no processo.

C.M. – Como foi a escolha do escopo da revista da UEM?

J.V. – A revista da UEM foi concebida em 1989, talvez seja um dos periódicos mais antigos, nós estamos eu acho no volume vinte e quatro, vinte e quatro anos de edição da revista, sendo que existe o volume zero ainda que foi do primeiro ano. Então naquela

época ela já foi construída pensando em um curso de pós-graduação e nós na mesma época, em 1989, o departamento instituiu a Revista de Educação física e instituiu também a Semana de Educação Física da UEM que hoje tem o Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte que praticamente substituiu a Semana de Educação Física. Então eles são realizados anualmente e a revista passou em 2001 para dois volumes por ano e agora estão sendo editados quatro volumes por ano. E você me perguntou o que mesmo?

C.M. – Do escopo da revista.

J.V. – Então, o escopo sempre foi generalista, nunca houve uma ideia de dar um foco na revista ou mesmo em algum número a gente dá o perfil. A partir da criação do Programa de Pós-graduação da UEM que na realidade é em Estudos do Movimento Humano, nós percebemos que três grandes áreas no país têm adotado ou tem feito essa leitura, uma na área da biodinâmica, uma na área comportamental e uma área sociocultural. Nas reuniões do Fórum da Educação Física que são realizados em nível de pós-graduação, enquanto editor eu tinha possibilidade de escutar as necessidades da área, então nós percebemos muito que a área sociocultural fazia muita reclamação de que eles não tinham periódicos específicos para concorrer com as outras áreas, como a de comportamento motor e a de biodinâmica. A partir daí, mesmo não estando aparente, visualmente por sessões dentro da revista da UEM, eu tenho procurado fazer com que sejam publicados cinco artigos da biodinâmica em cada volume, cinco artigos na área de comportamento motor e cinco artigos da área sociocultural ou áreas bem correlatas ou afins que tenham identidade com essas três áreas maiores. Infelizmente nós temos um problema sério tanto na área sociocultural quanto na de comportamento motor que é a falta de agilidade por parte dos pareceristas em enviar os pareceres na época correta, então essas duas áreas reclamam muito da falta de espaço nas revistas, mas parece que os autores ou os professores que fazem parte dessas áreas não tem essa noção de que eles devem responder os pareceres com maior qualidade em um tempo mais breve. Isso facilita muito a publicação dos artigos dessas áreas.

C.M. – E vocês tem mantido a periodicidade, tem conseguido?

J.V. – A revista na realidade depende de alguns fatores para que ela tenha periodicidade. O primeiro fator é o fluxo de artigos, então ela tem que ter artigos suficientes para poder divulgá-los no sistema. Atualmente a revista da UEM tem trinta e um artigos aprovados no sistema, ou seja, eu tenho capacidade para editar o volume um e dois de 2013, eles estariam fechados, são trinta e um artigos e são publicados trinta. Nós temos cento e dez artigos em avaliação e temos ainda sessenta esperando para serem designados avaliadores. Esses sessenta estão esperando porque nós fazemos uma limpeza nos artigos a cada mês, então esses artigos são do mês de março e os de fevereiro. Não foram enviados aos avaliadores porque a gente está vinculado a uma instituição pública e nesse vínculo eu dependo da secretaria da pós graduação para fazer a liberação dos artigos no sistema, porque como se trata de um periódico que está vinculado à instituição, nós não temos um secretário ou uma funcionária específica para a revista e não temos um bolsista específico para a revista. Já foi oferecido bolsista, mas não vale a pena ter um bolsista porque quando você ensina as tarefas para ele, ele troca de função, acabou a bolsa e você recomeça. Então dá mais trabalho você ter um bolsista do que não ter. E, por exemplo, esse mês de fevereiro e março a secretaria da pós está elaborando coleta Capes, então a prioridade passa a ser a coleta Capes então daí atrasa a nossa periodicidade ou a regularidade. Outro fator que interfere muito, na divulgação impressão são os editais, por exemplo, o edital da Araucária para 2013 ainda não foi lançado, ou seja, eu já deveria estar com o volume um praticamente impresso porque a periodicidade dele seria em março, eu não posso divulgá-lo porque eu não tenho os recursos para fazer a impressão. Não só a impressão como também não tem os recursos para fazer a correção de português, não tenho recurso para fazer a correção de inglês, a normalização e a diagramação. Então eu tenho os trinta artigos prontos, mas eu não posso diagramá-los nem fazer correção de português porque o edital da Fundação Araucária ainda não está disponível para que a gente possa concorrer. O segundo ponto é que eu poderia fazer isso via departamento, mas pagando pelo departamento esses custos, quando o edital da Araucária vem, eu não posso repor esse dinheiro para o departamento, então isso atrasa a periodicidade. O outro fator seria mais o fator interno, que nós temos que respeitar alguns critérios das bases às quais nós estamos indexados, por exemplo, a endogenia. Dos trinta artigos que eu tenho, acredito que dez sejam do estado do Paraná e nós só divulgamos por periódico quarenta por cento dos autores do estado da revista. Então quarenta por cento dos autores significa que se em cada autor, cada artigo tiver quatro ou cinco, cinco autores, quinze autores, eu tenho sessenta

autores por volume. Desses sessenta apenas vinte e quatro podem ser do estado do Paraná, então isso podem ser dois ou três artigos do Paraná por volume. Então esse é um dos critérios que a gente usa também para colocar os artigos dentro da engenharia de cada volume da revista, tentando respeitar ainda aqueles três núcleos, é uma tarefa que às vezes é meio difícil de ser feita, de ser realizado em função de que você depende de ter artigos aprovados nas áreas, você publica mesmo sem ter aquela necessidade de contemplar todas as áreas.

C.M. – Eu queria que o senhor descrevesse agora, a partir do momento que você recebe um artigo, quais os passos, as etapas que ele passa até ele ser publicado, então, e assim, quem faz, você já falou um pouco, que não tem bolsista, mas quem faz cada etapa, se é o funcionário da Pós que pega, quem passa para os pareceristas, como é que é a devolução até a editoração e sair.

J.V. – Quando o artigo entra, por exemplo, os artigos que entraram em março, agora no começo de abril eu faço uma leitura de todos os artigos, eu faço uma leitura. Enquanto editor os artigos que eu acredito que independente da área, que eu acredito que não tem potencial, credibilidade ou atende as estruturas mínimas exigidas pela revista, eu mesmo faço a rejeição do artigo. Porque não atende escopo ou não atende as normas ou o formato do artigo não é de acordo com as normas da revista. A partir dessa minha análise eu passo para a funcionária da UEM, ela faz uma retirada de toda identificação dos autores ou das instituições e depois a funcionária da UEM faz o repasse para um doutorando meu, da minha linha de pesquisa que recebe uma folha de pré-análise, então este doutorando ele já foi treinado em outros artigos, ele tem uma folha com todos os critérios que ele tem que observar no artigo, quanto ao formato de introdução, o formato de metodologia, normas, se tem título, o nome do autor, filiação, se todo o procedimento está correto. Quando eu recebo dele essa folha de pré-análise o artigo volta para mim, eu verifico se está tudo certo, se eu vejo que tem alguns itens que com, se o autor puder me enviar por e-mail para complementar eu passo o artigo para o procedimento de avaliação por pares. Caso eu veja que existem alguns complicadores o artigo já é rejeitado ali também. Quando eu faço a segunda revisão vinda dessa folha de pré-análise ele volta para a funcionária da UEM. Ela me destina para uma sessão e nessa sessão eu escolho dois pareceristas, esses pareceristas emitem o parecer. Esse parecer, dependendo da área ele é mais rápido, dependendo do

parecerista, mais agilidade. Quando a gente recebe dos pareceristas eu faço uma revisão das correções, das avaliações que eles fizeram, se você tem dois pareceres iguais com o mesmo julgamento final aceito ou rejeitado a gente já faz o procedimento de análise ali. [Pausa]. Bom, então quando eu recebo os pareceres de volta dos dois pareceristas eu olho o julgamento, se for para rejeição, se tiver dois para rejeição a gente já faz a rejeição direto, se tem com reformulações eu faço uma leitura para verificar o nível de que são realizadas as reformulações. E nesse caso se os pareceres foram os dois com reformulações a gente reenvia ao autor para que ele efetue as reformulações. Caso haja divergência eu remeto a um avaliador para dar um parecer de desempate. E quando há divergência também eu vejo o nível da rejeição, se o nível da rejeição for muito alto, se a argumentação do autor for muito alta já faço a rejeição ali. Não deixo o artigo seguir adiante mesmo tendo um parecer favorável. Depois quando eu recebo as correções dos autores, eles fazem correções com uma carta de justificativa, as correções são feitas todas em cor vermelha no texto, eu faço uma checagem, se eu tenho excesso de artigos na revista para publicação, eu remeto para ao parecerista para verificar se o autor atendeu as sugestões, caso esteja necessitando de artigos para a aprovação, eu mesmo faço essa análise e encaminhamento para o processo de editoração. No processo de editoração, quando o artigo ele é selecionado para entrar no volume, em qualquer um dos volumes eu remeto a uma correção de português, essa correção de português é paga com recursos da Araucária ou do Departamento, o resumo é submetido, o *abstract* é submetido a um corretor de inglês para melhorar o nível abstract, quando eles voltam para a revista eles voltam para a funcionária, a funcionária encaminha para uma normalizadora que vai verificar toda a parte de normalização da revista, citações, os formatos das citações confere uma por uma, corrige uma por uma, nós pagamos por esse procedimento também, quando volta, esse profissional volta para a funcionária que me passa a relação dos artigos, aí é enviado para o diagramador, o diagramador faz a diagramação, coloca a revista no procedimento, quando ele volta eu faço uma leitura de todos os artigos de novo para ver os erros que ficam, aí nós enviamos de novo para a diagramação para que eles corrijam os erros que por acaso a gente verificou, quando ele retorna para mim de novo eu faço uma nova leitura, não aguento mais, eu leio um artigo as vezes quatro ou cinco vezes e envio para o autor, para que o autor faça a correção da prova final. Daí quando o autor me manda a correção da prova final eu faço uma correção com base no que o autor solicitou caso haja ainda algum, normalmente sempre o autor acaba encontrando algum erro, nós fazemos uma correção final daí é enviado para o processo, aí

eu praticamente publico, porque daí ele já está pronto daí envio para o processo de impressão.

C.M. – Quem faz a revisão de normalização é uma bibliotecária?

J.V. – É, antigamente até 2011 era uma bibliotecária da UEM, então a UEM tem bibliotecárias especializadas nesse trabalho que fazem a correção de teses, dissertações e de todos os periódicos da UEM. Quando você envia para um funcionário da UEM normalmente ele fica parado de um a dois meses lá, então nós começamos a inserir nos editais o pagamento de uma normalização por um profissional externo, então quem faz é uma pessoa capacitada que tenha habilitação para fazer esse processo de normalização.

C.M. – E está sendo bibliotecária ou não?

J.V. – Esse é, na realidade, é o segundo volume que nós estamos tendo com uma pessoa externa, então eu não perguntei para ela se ela é bibliotecária, mas foi um problema sério.

C.M. – Mas também não é de dentro da UEM?

J.V. – Não.

C.M. – É empresa?

J.V. – É uma empresa que a UEM tem no sistema de registro de preço da Universidade que é um facilitador para a instituição, mas é um complicador para mim, porque essa pessoa quando recebeu, por exemplo, o edital, a verba veio da Araucária em outubro e eu tinha que publicar os artigos em março, impresso, então quer dizer, eu fiquei quase seis meses atrasado por causa que a UEM atrasou o processo de licitação, então eu dependo do processo de licitação da UEM. Quando foi liberado em dezembro que eu passei os volumes para ela, ela não estava adaptada ao modelo da UEM das normas da ABNT ³ então ela tinha que ensinar como eu queria que ela fizesse, seguindo as normas que já vinham sendo anteriormente realizadas pelos funcionários da UEM. Então eu acabo tendo um problema

mais sério ainda porque você tem que trabalhar com uma pessoa nova que não está, e, por exemplo, para os volumes de 2013 essa licitação vai acontecer de novo. Se outra empresa ganhar vai acontecer tudo de novo.

C.M. – E na empresa também pode ser, pode não ser a mesma pessoa.

J.V. – Pode não ser a mesma pessoa, então esse procedimento de fazer fora da Universidade, eu acreditava que ia ser mais rápido, mas me gera um transtorno maior.

C.M. – Qual o motivo da opção pelo formato eletrônico e porque, no caso de vocês ficarem nos dois?

J.V. – O processo de editoração, de submissão até a editoração, o processo eletrônico ele é muito mais ágil, muito mais seguro, rápido, eficiente e os custos são praticamente zero durante todo o processo. Para nós da UEM, em função, eu acredito, eu particularmente gosto de ler artigos em papel, ou qualquer leitura que eu vou fazer de artigo que eu vou pesquisar eu gosto de imprimir para fazer leitura em papel. Várias instituições no país precisam também as suas bibliotecas estarem preenchidas com volumes em papel e os editais que nos contemplam, infelizmente todos os editais de qualquer instituição fomentadora de publicação científica eles custeiam as mesmas coisas. Eu vou te dizer o que eu quero falar com isso, todos eles custeiam a publicação impressa ou eles custeiam o pagamento de normalização ou eles custeiam, nenhum custeio é pagamento de pessoal, nenhum custeio de aquisição de equipamentos, nenhum custeio pagamento de editor, nenhum custeio pagamento de bolsista, ou nenhum custeio despesa com funcionário para a revista. Infelizmente se eu ganhar um edital do CNPq⁴ e ganhar um edital da Fundação Araucária eu vou ter recurso para as mesmas coisas, isso não satisfaz as demandas da revista. Infelizmente eu precisaria como eu te disse lá no começo, precisaria criar uma estrutura profissional ou pelo menos uma estrutura autossuficiente e eu não consigo fazer isso porque a funcionária é da instituição o bolsista é da instituição, se eu tivesse recursos para contratar um bolsista, que ele ficasse comigo uns três quatro anos, ou contratar um funcionário para ficar, ou contratar uma normalizadora pela revista, se os recursos fossem

³ Associação Brasileira de Normas Técnicas.

⁴ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

pela revista e não via institucional eu talvez tivesse uma facilidade maior para gerir a revista e a gente fez a opção pelo modelo impresso também porque dá mais visibilidade para o aluno que não está conectado na internet, está certo que a internet dá visibilidade, mas muitas vezes ter o recurso em papel na mão é importante. E o próprio departamento, os professores acreditam que isso é um diferencial na revista e em função do valor que você recebe quando você ganha o edital, se é suficiente para o custeio da revista impressa eu não vejo porque não fazer impressão. Se a revista está disponível na internet, para eu mandar imprimir é só pegar o PDF e levar na gráfica, então não me tem custo nenhum fazer esse trabalho.

C.M. – A revista tem DOI⁵?

J.V. – Sim.

C.M. – É institucional ou é da revista?

J.V. – Eu acredito que a revista da UEM foi a primeira a colocar o Digital Object Identification e nós pagamos eu acho, um dólar por cada um, no começo quem fazia o pagamento era a EDUEM que é a Editora da UEM. Agora quem faz o pagamento é a revista. Eles nos cobram via Departamento.

C.M. – Como são escolhidos os professores pesquisadores do Comitê Editorial da revista?

J.V. – É, o Comitê Editorial a gente fez com base nas solicitações do Scielo⁶, então o Scielo, quando a área fez a opção pelo Scielo ser o indexador que ele avalia o Qualis da revista para B1, nós entramos em contato com o pessoal do Scielo e eles falaram que deveria evitar uma endogenia, que deveria contemplar professores de várias instituições, então nós tínhamos já um corpo editorial, retiramos do corpo editorial aquelas pessoas que caracterizavam alguma endogenia e fizemos o convite a pessoas de renome na área, em cada uma das áreas da Educação Física que fossem de instituições diferenciadas, alguns de

⁵ Digital Object Identifier.

⁶ Scientific Electronic Library Online

nível nacional e alguns de nível internacional com os quais a gente já tinha contato através do Departamento de Educação Física ou da própria revista. Aí nós fizemos o contato...

C.M. – E como é que vocês buscaram essas pessoas? Vocês procuraram no Lattes, foi por indicação?

J.V. – Não, é tudo indicação. A grande maioria são pessoas do nosso conhecimento pessoal, da vida acadêmica, então nós entramos em contato, verificamos a disponibilidade delas, mas na realidade ainda é um processo que nós pretendemos ampliar, principalmente com relação à criação de editores de sessão dentro da revista. Esse procedimento nós não operacionalizamos ainda porque a revista está na Plataforma Seer e a Plataforma Seer é gerenciada dentro da UEM pelo NPD⁷. O NPD da UEM está com um fluxo de trabalho muito grande e eles não fazem a atualização do sistema SEER e nem habilitam algumas funções que nós gostaríamos que habilitassem dentro da revista. Por exemplo, a revista está dentro do Portal de Revistas então existe um administrador que tem a senha do Portal, eu tenho uma capacidade limitada para gerenciar a minha revista. Por exemplo, se um autor ou um avaliador perder a senha, eu tenho que pedir para que o gerenciador do sistema me habilite para que eu possa gerar uma nova senha, então é um transtorno muito grande eu ficar na dependência do administrador geral. Esse é um problema sério que eu tenho em função de escolha de editores de sessão, de outras pessoas, porque a partir do momento que eu criar o editor de sessão eu crio um nível de burocracia a mais, porque todo aquele processo que eu fazia eu vou delegar para outra pessoa. Aí eu vou ter que ensinar outra pessoa a fazer e ela vai trabalhar com o sistema que ainda não está redondinho, ou seja, as ações dele não são redondinhas. Existem algumas ações da Plataforma SEER que o UNPD da UEM não corrige. Isso atrapalha com que eu libere para que outra pessoa possa ter acesso a fazer essa ação.

C.M. – E o Comitê Editorial da revista tem funcionado, no sentido, das funções que teriam o Comitê Editorial?

J.V. – Na realidade o Comitê Editorial ele funciona mais com o grupo que eu tenho próximo da Universidade ali porque o Comitê Editorial ele deveria pensar as políticas da

revista, mas isso não acontece, não acontece principalmente por duas causas ainda. A nossa revista está qualificada como B2, então é uma revista que tem um impacto relativo, apesar dela atender todos os critérios e hoje poderia estar como B1 a mais de um ano. Mas nós ficamos dependendo da atualização da CAPES⁸ no estrato do Web Qualis, que deve ser feito esse ano. Então o que acontece, quando uma revista fica com o estrato B2 ela começa a receber muito artigos de baixa qualidade, os melhores artigos não são mandados para esse estrato de revista, então não, eu acho quase que desnecessário você trazer uma política editorial ou traçar uma política de internalização da revista enquanto a gente não atingir pelo menos o estrato B1, porque, por exemplo, vou te dizer que de cada dez artigos que entram no sistema eu rejeito seis e os pareceristas rejeitam mais três. Nós estamos aí com um nível de aprovação de no máximo dez por cento. Então é um índice muito baixo em função da qualidade dos artigos que a gente tem recebido. E não tem como eu traçar uma política mais dinâmica, um processo melhor, inclusive de transformar, por exemplo, para tudo em inglês enquanto eu não sanar esses problemas internos, de deixar o sistema redondinho e que a gente esteja no nível das outras revistas. Não no nível que a gente tem o direito de estar, mas no nível que a gente se encontra por falta de atualização do Web Qualis.

C.M. – E como são escolhidos os pareceristas?

J.V. – Os pareceristas, em função do grande número de artigos que nós temos, por exemplo, como eu te disse nós temos aí cento e dez artigos sendo avaliados, ou seja, os artigos estão com duzentos e vinte pareceristas e eu tenho mais cinquenta no sistema, vou precisar de mais cem. Eu tenho cadastrado cerca de duzentos pareceristas, então eu te diria que cada parecerista tem no mínimo um parecer para dar na revista, se eu fosse traçar um perfil dessa forma. O que acontece é que muitas vezes esses pareceristas dão pareceres em outras revistas também e esses pareceristas, eles atuam em programas de Pós Graduação e tem outras funções e então o parecer atrasa muito. Nós escolhemos os pareceristas por indicação das próprias áreas, apesar, por ser generalista você não sabe que tipo de artigo ou de que área entre, então muitas vezes tem áreas que entram mais artigos e outras áreas que entram menos. Conforme você vai vendo que está sendo saturado você convida as pessoas

⁷ Núcleo Processador de Dados

⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

que já estão no sistema a indicar outros profissionais. Quando existe uma indicação para a revista o que a gente faz é entrar no currículo Lattes, verificar se a pessoa tem no mínimo o título de doutor para ser parecerista na revista e nós analisamos a produção dele pelo menos nos últimos três a cinco anos. Se ele tem uma produção de estrato de revista igual ou superior ao nosso, nós acreditamos que essa pessoa tenha condição de emitir o parecer para a UEM. Quando eu seleciono, nós mandamos uma carta convite ao parecerista, ele se cadastra no sistema, eu habilito a função de avaliador, e quando é um parecerista novo, eu mando esse artigo para dois pareceristas e mais esse e faço uma comparação dos pareceres que vêm. No sistema Seer você tem condição de dar uma nota para o parecer que chega, então eu vou fazendo essas anotações e se esse parecerista não atinge um nível de qualidade você acaba evitando de mandar pareceres ou artigos para ele fazer avaliação até que ele saia em desuso.

C.M. – Como é tomada assim, qual o procedimento que vocês tomam para receber os e-mails dos autores, editores você que responde? Tem alguma situação que você passa para o Departamento ou para o programa de Pós?

J.V. – Todos os e-mails que vem tanto de autores quanto de avaliadores eles vêm em duas caixas, vem na caixa da UEM, da revista, que é o e-mail da revista e todos que vem no e-mail da revista vem uma cópia para mim, então todos os, pedido de senha, pedido de tempo de avaliação, isso me chegam cerca de dez a quinze e-mails por dia, então eu faço a resposta de todos eles, eu faço pessoalmente a resposta de todos eles. E não daria tempo para a secretária da Pós fazer porque ela não tem conhecimento científico de algumas normas ou de algumas solicitações que eles fazem. E eu também não repasso essa informação para outro editor ou outro membro da equipe porque nós não temos, a nossa revista é, digamos assim, ela é bem "virtualzinha", entendeu, tem eu que sou editor, tem a funcionária, tem os prestadores de serviço, nós não temos máquina de escrever, não temos computador, não temos nada. Então nós não temos um colaborador que a gente possa delegar essas funções de respostas dos e-mails, a não ser daí, a outra pessoa que entra nesse fluxo é o administrador central do portal, porque quando você me pede uma senha eu mando, "ó pessoa tal me pediu uma senha", e eu tenho um problema sério porque a Plataforma Seer permite que o portal de revistas, por exemplo, a gente tem a revista da UEM, eu tenho um parecerista cadastrado na área de fisiologia, ai dentro do portal de

revista tem a Health Science é uma revista associada a EDUEM, se eles estão precisando de um parecerista em fisiologia eles vão lá e cadastram um parecerista da revista da UEM, aí eu não tenho mais acesso a esse parecerista, então se esse parecerista perder a senha, ou se eu quiser modificar o nome dele ou a instituição, eu tenho que ligar para o administrador geral, ele tem que fazer a senha, repassar para mim para eu enviar, isso dá um trabalho muito grande porque você se perde, digamos se eu tenho lá duzentos artigos no sistema eu estou trabalhando com as vezes trezentos quatrocentos autores, trabalhando com duzentos pareceristas e as pessoas estão trabalhando com o artigo delas, então ela acha que eu sei quem ela é, onde ela está e o que ela enviou. Então você recebe muito e-mail sem identificação do autor, sem identificação do artigo, de quando mandou, me solicitando uma informação e aí você fica no contato com a pessoa e muitas vezes, contatos mal criados, a maioria das vezes, pelo menos uns dois por dia eu recebo de gente que não gosta do que eu faço.

C.M. – É exigido algum grau mínimo de formação para publicar na revista?

J.V. – Eu te diria assim, que tudo depende do estrato em que eu me encontro no momento. Por exemplo, há uns três anos atrás eu te diria que a Revista da Educação Física era uma das melhores qualificadas no sistema da Pós Graduação, nós competíamos de igual para igual com todas as demais revistas. Inclusive nós éramos as que estavam mais em periodicidade, nós é que estávamos com o DOI, nós publicávamos mais volumes e nós atingimos noventa e sete por cento do nível de critério do Scielo para indexação. Aí a área resolveu fazer um *pool* de revista para mandar para o Scielo. Politicamente a revista da UEM não foi indicada, foram indicadas outras três revistas. Essas revistas passaram para o estrato B1 e nós continuamos no estrato B2, apesar de nós já estarmos credenciados na Scopus eu sei que... Aí como nós só fomos credenciados na Scielo no ano passado nós continuamos no estrato B2 ainda porque o Web Qualis não foi atualizadoomité apesar de a gente entender. Então como eu estou no estrato B2 eu não posso ficar discriminando muito a qualidade dos autores que eu deixo publicar. Porque se eu não estou conseguindo publicar, aprovar nem dez por cento dos artigos que eu recebo, se eu ainda for estratificar mais ainda talvez eu não tenha artigo para publicar no volume três de 2013. Então conforme eu for melhorando o meu Qualis você vai identificando qual o tipo de autor, o perfil que você queira. E isso é muito simples de ser feito é só você olhar os autores e o

que eles têm publicado e com quem ele publica, você identifica se aquele é um aluno de graduação, se aquele artigo é fruto de um TCC, fruto de uma pesquisa de iniciação científica, ou é uma parte de uma pesquisa de dissertação ou tese. Isso aí com o tempo você vai aprendendo a identificar.

C.M. – E os autores que enviam trabalhos, eles têm obedecido as normas da revista? Os artigos chegam já nas normas ou há muita devolução porque as normas não são lidas, não são obedecidas?

J.V. – Eu te diria que cerca de trinta por cento dos artigos chegam atendendo todos os requisitos que nós pedimos. A grande maioria dos autores eles tentam enganar o sistema, enganar não, nem sei se é questão de má fé, por exemplo, quando eles cadastram o artigo, eles não cadastram todos os coautores, só cadastram o autor principal, isso me gera um problema porque eu não sei quem são os autores daquele artigo, eu não sei para que pareceristas eu posso mandar, então eu tenho um problema sério e eu deixo para fazer essa correção mais tarde porque eu dependo ainda de ter artigos aprovados com fluxo suficiente para poder falar assim "Olha, você não cadastrou o artigo corretamente no sistema então a gente vai arquivar para que você faça uma nova submissão". Se eu faço esse procedimento e deixo ele fazer a correção isso me demanda um gasto porque depois eu vou ter que ficar com esse artigo na pendência esperando ele cadastrar totalmente. Se nós tivéssemos uma estrutura melhor eu até sugeriria que nós poderíamos dentro da revista, contemplar o que os autores deixam de fazer no cadastramento das submissões. Muitas coisas que a gente observa são também, por exemplo, os textos em inglês, copiados e colados do Google ou de outra, então, poderia haver mais, uma preocupação maior dos autores na tradução para o abstract, então quando eles fazem aquele copiar e colar fica aparente no texto, que aquilo ali foi copiado e colado então isso também é meio triste. Outra situação que é muito embaraçosa é que os autores se preocupam muito pouco em colocar as palavras chaves naqueles, naquele formato exigido pelos indexadores da Saúde. Então as palavras chaves não batem, esse não é um problema dos artigos da área, é um problema que, eu acredito que essas palavras elas devem ser atualizadas lá na BVS⁹. Outros problemas são que os autores não seguem as normas corretamente, as normas de normalização mesmo, ou não colocar a cidade, ou colocam revista com o nome abreviado, não seguem as normas da

UEM. Se eu vejo que existe um acúmulo de três ou quatro desses fatores eu falo aquilo que eu te falei lá no começo, eu faço uma rejeição do artigo e coloco, e numero esses fatores que ele deixou de fazer. Daí ele retira, o artigo é arquivado, e se o autor refizer ele submete com uma nova submissão. Eu não gosto de refazer a mesma submissão porque daí eu tenho que ficar com esse número na cabeça para que eu possa entender que quando ele me mandar um e-mail é para corrigir aquilo que já foi feito. E se eu deixar ele corrigir o texto, o texto que ele me mandou originalmente eu vou ter que enviar esse texto para a correção pela funcionária, ela vai ter que tirar do sistema, me dá um transtorno muito maior, então é melhor eu arquivar o que eu recebi e começar um novo formato direitinho.

C.M. – E agora sobre as bases. Vocês fizeram alguma solicitação de indexação que não foi aceita?

J.V. – Nós tentamos uma primeira indexação na Scopus e eles não aceitaram porque eles falaram que nós precisávamos atender um perfil de internacionalização do periódico, ter mais editores do corpo editorial, mais revisores de outros países, nós conseguimos atender isso e na segunda tentativa nossa deu certo. Tivemos um problema sério com o Scielo, foi aquilo que eu te falei, que nós tínhamos submetido à revista, era a única da revista da área que tenha sido submetida, aí a área pediu para o Scielo não fazer a avaliação, aí foram submetidas seis revista e a revista da UEM não foi contemplada entre as três. Aí quando nós, inclusive eu iria desistir do Scielo, mas, por uma questão de egoísmo pessoal, de ter sido politicamente não aceito pela área, a revista, haviam outras revistas politicamente a área teve interesse em entrar assim no Scielo aí passado esse tempo de mau estar meio com o Scielo a gente resubmeteu de novo e daí ela foi aprovada.

C.M. – Qual a sua opinião então sobre como editor, sobre essa avaliação do Qualis?

J.V. – Eu acredito que o Qualis da área ele tem melhorado e ele sempre vai melhorar, principalmente agora nesse último ofício que regulamenta o que faz a reclassificação a requalificação das revistas, a área teria uma capacidade de interpretar a base epistemológica da área e retirou várias revistas ou periódicos que não tinham identidade com a área, então isso fez com que vários periódicos nacionais pudessem atingir o estrato

⁹ Biblioteca Virtual em Saúde.

A2, alguns o estrato B1 e os outros nos outros ou nos demais estratos. Eu particularmente gostei muito desse procedimento, contemplou várias revistas da área da Educação Física e tem contemplado várias áreas também que publicam. Eu não sei qual é a capacidade mais porque eu parei de fazer essa análise de quantidade de periódicos que a área tem condição de suprir com artigos de boa qualidade ou manter as revistas em funcionamento, mas eu acredito que vai atingir um limite, isso vai atingir um limite e a área vai ter que reformular, a curto prazo, essa gestão da capacidade de publicação e a quantidade de veículos ou de periódicos em cada um desses estratos que na realidade, apesar dos estratos não serem feitos para que as revistas se identifiquem com ele ou que as revistas utilize como critério de avaliação, mas sem dúvida nenhuma que isso tem impacto, que a área decide sobre a estratificação das revistas ou o Qualis das revistas, tem impacto em quem vai sobreviver enquanto periódico na área.

C.M. – E enquanto o idioma inglês é pertinente publicar em inglês mesmo em revistas nacionais? O que a revista tem pensado sobre isso, tem pensado em transformar toda a revista em inglês?

J.V. – Esse é um dilema. O que o editor ganha publicando em inglês? O que o Departamento de Educação Física da UEM vai ganhar publicando em inglês? Qual o nosso custo pessoal das minhas horas, por exemplo, na minha carga horária no Departamento de Educação Física não consta nada de dedicação à revista, não posso destinar nenhuma carga horária para cuidar da revista, tem que ser um serviço que eu faço, tem muito autor que recebe e-mail meu a meia noite, uma da manhã no sábado, no domingo. O departamento, um volume custa cerca de seis mil reais para o departamento. Os quatro volumes do ano custam vinte e quatro mil. A verba que a UEM recebe e destina para o departamento chega a sete mil, oito mil por semestre. De onde o departamento vai tirar dinheiro para custear a revista? Então, por exemplo, o Ministério do Esporte nos ajudou o ano retrasado e nós conseguimos já contratar uma pessoa que vai traduzir todos os volumes para o inglês. Ai quem faz essa tradução é uma empresa que está cadastrada no sistema de licitação da UEM. Não é a melhor tradutora para a área, a tradução vai depender dessas pessoas que não é certamente, as pessoas mais indicadas, não são as pessoas mais indicadas para fazer a tradução do inglês. Possivelmente isso vai ficar terrível, então por falta de, são série de fatores que interferem. Primeiro você não tem uma destinação para fazer a tradução para o

inglês, segundo você tem um gasto que você tem que assumir. Terceiro, eu não sei quanto tempo o Ministério do Esporte vai patrocinar essa tradução para o inglês. Quarto, não sei se isso tem um impacto efetivo, a partir do tipo de tradução que as pessoas que a UEM contrata tem capacidade para fazer. Então são problemas sérios de um periódico que fica atrelado a uma instituição e dependendo financeiramente de editais de divulgação.

C.M. – Vocês têm conseguido alguma forma de recompensa aos pareceristas, alguma forma de reconhecimento do trabalho dos pareceristas?

J.V. – Na realidade eu gostaria de sugerir ao CNPq e à Araucária que eles pagassem os pareceristas, porque não é de gargalo, é em qualquer revista é pareceristas. Nós temos lá no sistema artigos que estão a mais de um ano com um parecerista. Então se eu pudesse pagar o parecerista para que ele me dê não um parecer favorável, mas que ele desse o parecer, eu preferia, isso me profissionalizaria. Isso me daria uma facilidade muito grande porque eu não teria mais nenhum o autor me cobrando a divulgação ou a agilidade no processo de avaliação do artigo submetido. Então o que nós podemos recompensar o parecerista é o envio de um volume impresso para ele de todas as edições que são publicadas. E quando ele remete um parecer, sempre tentar fazer um agradecimento mais pessoal do que aquele que é vinculado pelo sistema, automaticamente.

C.M. – Uma última, vocês têm recebido artigos procedentes de alguma região do país mais destacada, tem recebido de todo o país?

J.V. – É, como a gente já foi pequenininho também assim, digamos assim, quando começou a classificação dos periódicos lá em 2005, 2006, com mais efetividade, existiam vinte revistas na área, a revista da UEM é a décima sétima nos critérios que eram colocados. Ai nós fomos, adotamos uma política de solicitar artigos às pessoas de renome, fomos indexando no Lilacs¹⁰, indexando no Sport Discus e passamos a quatro volumes e a revista foi crescendo. Então nós dedicamos assim pelo menos um ou dois artigos por volume tentando algumas regiões mais carentes do país, desde que os artigos sejam aprovados, mesmo que eles não tenham assim tanto impacto na área, então é sempre interessante você colocar um ou dois artigos para regiões que precisam despertar dentro do

sistema e publicar naquelas regiões. Felizmente agora com a chegada da Pós Graduação no Nordeste nós também estamos recebendo vários artigos daquela região também, agora a Revista de Educação Física da UEM, em grande parte, cerca de sessenta, setenta por cento dos artigos são de programas de pós-graduação, não necessariamente dos docentes ou dos alunos em nível de *Stricto Sensu*, mas esses docentes eles tem retirado muitos dos trabalhos de iniciação científica ou de trabalhos de graduação. Então, a revista tem recebido vários artigos também de outros países, pelo menos um artigo por volume, ele é de um país fora do Brasil e os outros distribuídos entre os programas de pós-graduação e alguns em algumas áreas emergentes.

C.M. – Agora tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar sobre a revista, sobre esse trabalho da editoria, algo que tenha te chamado atenção nesse trabalho...

J.V. – São várias formas que a gente poderia atuar, por exemplo, pelo Brasil ser uma região, um país continental e existem vários programas, seria interessante, por exemplo, algumas coisas, quando tivesse uma reunião do Fórum de Coordenadores de Pós Graduação que é de onde vem a maior parte das pesquisas, os editores das revistas deveriam ser convidados para participar do Fórum de Pós Graduação, porque são os editores que irão divulgar a produção da Pós Graduação, então os editores tendo conhecimento para onde vai a Pós Graduação, eles poderiam antecipar o formato das revistas e destinar os volumes para atender essa demanda. No mesmo sentido, eu acharia interessante que o Fórum de Pós Graduação convidasse o representante da Capes da Educação Física, porque existe o representante do Fórum, ele é (Inaudível) no Ministério ou no CNPq e a gente tem outro grupo que trabalha na Capes, e essas pessoas não conversam. Por exemplo, o editor não conversa com o representante da área na Capes, que não conversa com o representante da área no CNPq. Sendo que, por exemplo, os bolsistas PQ¹¹ poucos publicam nas revistas nacionais, porque essas não tem um fator de impacto ou não estão nos estratos mais altos, então o bolsista PQ ele publica para ele, ele publica para a bolsa dele, para a manutenção da bolsa dele, para manutenção do programa. Ele não publica para elevação do nível do periódico, então, se tu pegar o PQ mais importante do país, ele não publica na minha revista. Então se o critério de avaliação do CNPq fosse, não

¹⁰ Base de dados sobre Literatura Científica em Ciências da Saúde para América Latina e Caribe.

¹¹ Produtividade em pesquisa

só a quantidade de pontos que publica o máximo, mas se ele publica em vários estratos, percentualmente ou relativamente, isso poderia fazer várias revistas menores crescerem. Então essas três áreas dentro da Educação Física não conversam, a revista com o Fórum de Pós-Graduação ou com o representante do CNPq. O terceiro é que houvesse uma política da área ou do Ministério do Esporte destinado a fomentar a profissionalização das revistas da Educação Física. Então eu não posso falar hoje “Ah, vou retirar a revista da Educação Física de dentro do departamento porque ela não tem como sobreviver”. Então é um problema sério. Outro problema sério que eu vejo é que a área não tem um órgão gerenciador ou um evento organizador do que a área caminha. Por exemplo, assim Fórum de Pós-Graduação define para a Pós-Graduação. O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte define outra política, o CNPq define uma política. Então nós não temos um evento da Educação Física, por exemplo, existe o evento nacional da Fisioterapia, a Educação Física não tem isso, então a SOBAMA¹² tem o seu, a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte tem o seu, a Sociedade Brasileira de Biomecânica tem o seu, de Fisiologia Atividade Física e Saúde, e cada um tem a sua revista, então a gente acaba esfacelando ou dividindo todo o procedimento. Outro fato que poderia ser os programas de Pós-Graduação poderiam usar uma norma em comum, todas as teses e dissertações serem vinculadas em Vancouver, por exemplo, e todos os periódicos que utilizarem essa norma de Vancouver para a divulgação dos seus trabalhos. Isso facilita muito ao aluno da Pós-Graduação, que já tem uma tese normalizada que vai enviar para... Então se você vai enviar para a Revista da UEM, vai enviar para outra revista, você vai ter que fazer o artigo que foi reprovado em uma norma, ser adaptado a uma outra norma, então são vários fatos que, se as pessoas conversassem mais, evitaria um monte desses transtornos no trabalho. Outra coisa que poderia fazer é que os editais das fundações contemplassem um procedimento de profissionalização das revistas, nem que fosse ao longo do tempo. Então não adianta vinte mil da Araucária para imprimir e mais vinte do CNPq para imprimir a mesma coisa, não tem, isso bate. Se eles me deixassem contratar um funcionário seria muito mais fácil, se eles me deixassem contratar um diagramador seria muito mais fácil. Se eles me permitissem comprar um processador de informação, um computador facilitaria muito mais do que eu ficar pagando as mesmas coisas.

C.M. – Professor, muito obrigada pelo tempo.

¹² Sociedade Brasileira de. Atividade Motora Adaptada

[FINAL DO DEPOIMENTO]